

do armistício entre a França e a Alemanha, em 1940. O livro não parece isento de certo partidarismo e, talvez, dos melhores... No entanto, é uma contribuição razoável para o conhecimento da política naval — principalmente da Inglaterra — na última guerra.

CRUZ COSTA.

---

ABSHAGEN (Karl Heinz). — *Le Dossier Canaris*. Tradução francesa de Jean-Luc Belalnger. Paris. Chavane. 1949. 281 pp.

O livro de Karl Heinz Abshagen estuda a curiosa e discutida figura do almirante Wilhem Canaris, chefe do serviço secreto (*Abwehr*) do exército alemão, na última guerra. O almirante Canaris, cuja biografia é cheia de lances interessantes, tomou parte no "complot" de 20 de julho de 1944; e, por isso, acabou na forca. O trabalho do Autor, assim como os livros de Ulrich von Hassel (*Uma outra Alemanha*), de Givensius (*Até o amargo fim*) e outros que têm aparecido recentemente, — é mais um interessante testemunho sobre o movimento de resistência anti-hitleriano e sobre a situação da Alemanha nos últimos anos do nazismo. O livro, que é rico de informações, merece a atenção daqueles que se interessam pela história política européia dos últimos anos do segundo quartel deste século.

CRUZ COSTA.

---

GILBERT (G. M.). — *Le Journal de Nuremberg*. Tradução francesa M. Vincent. Paris. Flammarion. 1948. 444 pp.

Este livro é a tradução francesa do *Nuremberg Diary*, escrito pelo psicólogo que acompanhou o discutido processo de Nuremberg. O A. relata os testemunhos e as conversas de alguns dos chefes do nacional-socialismo, como Goering, Frank, Rosenberg, von Schirach, Ribbentrop e outros, assim como dos chefes militares alemães da última guerra, tais como Keitel, Jodl, Doenitz, Reader, Rundstedt, — e o faz sempre com simplicidade, algumas vezes até, talvez, com ingenuidade. O trabalho do A. é de grande interesse para o historiador dos tristes acontecimentos do nosso tempo e, além disso, é documento tristemente revelador da trágica situação da Alemanha sob o domínio nazista. "Nos séculos vindouros — dizia o próprio Frank, "jurista" de Hitler e que, mais tarde, foi seu terrível delegado na Polônia — os homens não de perguntar como foram possíveis tais cousas! Crime é palavra doce demais para o que aconteceu na Alemanha. O que aconteceu foi alguma coisa que ultrapassa toda e qualquer imaginação. Foi a industrialização do assassinato" (p. 390). Extraímos da acusação de Sir Hartley Shawcross estes significativos trechos: "Sem gritos, sem prantos, eles despiram-se. Reuniram-se por grupos de famílias, abraçaram-se e despediram-se, para esperar um sinal de um outro SS que estava ao lado da fossa, armado também de chicote. Durante os 15 minutos que estive ao lado deles, não ouvi nem uma queixa, nem um apêlo de piedade. Observava uma família de 8 pessoas, um homem e uma mulher de cerca de 50 anos, com os seus filhos de 8 e 10 anos de idade. Uma velha tinha nos braços uma criança de um ano e cantava-lhe uma canção. A criança ria de contentamento. O pai, segurava pela mão um menino de mais ou menos dez anos e falava-lhe docemente; o rapaz procurava não chorar. O pai mostrava-lhe o céu e acariciava-lhe os cabelos, parecendo explicar-lhe alguma coisa"..... "Encontrei-me diante de uma enorme fossa. Aquela gente ali se comprimia e embora deitados todos uns sobre os outros, podia-se ainda ver as suas cabeças. Estavam quase todos ensangüentados. Algumas das

peçoas fuziladas mexiam-se. Outras levantavam os braços e moviam a cabeça para mostrar que ainda estavam vivas. A fossa já estava quase cheia. Procurei o homem encarregado de atirar. Era um SS. Estava sentado a beira da fossa. Tinha uma metralhadora sobre os joelhos e fumava um cigarro” (pp. 428/429).

Duas mil pessoas eram executadas diariamente nos fornos de gaz. Os seus dentes de ouro, os seus anéis, as suas armações de óculos eram enviadas para o Reichsbank! (p. 390).

Estarrecido, o leitor verifica, uma vez ainda, a que extremos de miséria e de dissolução moral pode conduzir a política totalitária! Os que se acreditam investidos da “missão” de chefes, julgam que são infalíveis e capazes de tudo. Foi isso que levou Hitler a pensar que era um grande chefe militar. Vejamos, porém, o que diz o General von Rundstedt, acerca do pretensioso génio de estrategista do Führer. “Agarrai-vos ao terreno, dizia Hitler. Era fácil de dizer. Os nossos soldados ai se manteriam até encontrarem a morte ou a prisão. O mesmo aconteceu na pretensa contra-ofensiva Rundstedt. Um contra-ataque é cousa bonita, mas para isso, é preciso ter meios necessários. Com a nossa Luftwaffe esmagada, apenas podíamos nos deslocar à noite, enquanto Patton fazia rolar os seus tanques e assim penetrava, tanto à noite como durante o dia, nas nossas posições. Nossos efetivos estavam liquidados. Possuíamos homens velhos e esgotados que já não podiam bater-se e estrangeiros que desertavam. E Hitler a gritar sempre: **agarrai-vos ao terreno!** Em Bastogne, por exemplo. Mas era loucura! E era aquêlê o homem que queria ser considerado como um grande general! Não possuía a menor noção de estratégia e só conhecia o bluff” (p. 378).

No triste diário de Nuremberg já aparecem negros indícios das questões que iriam, mais tarde, dividir os aliados e curiosas são as reflexões dos que estavam sendo julgados, como por exemplo, as que dizem respeito ao livro do antigo embaixador Bullitt. *The Great Globe Itself* (pp. 416/418).

O livro do Capitão Gilbert retrança um dos aspectos trágicos e angustiantes do nosso tempo. É mister que a Humanidade saiba combater, com decisão, todos aquêles que, pela astúcia ou pela confusão, estejam dispostos a reeditar a ignomínia das diferentes formas de fascismos.

CRUZ COSTA.